

## Da Literatura de informação à literatura de reflexão: uma análise comparativa de “O búfalo”, de Clarice Lispector, e *Legacy*, de Danielle Steel

### From Literature of Information to Literature of Reflection: a comparative analysis of “O Búfalo”, by Clarice Lispector, and *Legacy*, by Danielle Steel

Simião Vitor Marques<sup>1</sup>  
PUC/SP

Elton Luiz Aliandro Furlanetto<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

#### Resumo

O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise comparada entre o romance *Legacy* (2010), da escritora estadunidense Danielle Steel, com um dos contos da escritora brasileira Clarice Lispector, cujo título é “O búfalo”, publicado na coletânea *Laços de Família* (1960), a fim de distingui-los enquanto literatura de informação e reflexão e ressaltar aspectos concernentes às leituras proporcionadas por ambas as formas de literatura. A motivação para isso é a similaridade que as duas narrativas apresentam – apesar das diferenças marcantes de contexto de publicação e extensão – como demonstramos na análise, ao retratar duas personagens femininas imersas em conflitos amorosos que as estigmatizam enquanto sexo frágil. Os resultados demonstram que por justamente divergirem na forma de expressarem tal temática complementam-se em virtude da formação, como um todo, do indivíduo que se apropriar delas enquanto objeto de reflexão e informação.

**Palavras-chave:** Literatura de Informação; Literatura de Reflexão; Clarice Lispector; Danielle Steel.

#### Abstract

This article aims to perform a comparative analysis between the novel *Legacy* (2010), by American writer Danielle Steel, with one of the short stories of the Brazilian writer Clarice Lispector, whose title is “O búfalo”, published in the collection *Laços de família* (1960). We want to distinguish them as literature of information and literature of reflection and highlight aspects concerning the reading provided by both forms. The motivation for this is the similarity that both narratives present – nonetheless their different contexts of publication

---

<sup>1</sup> Mestrado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduado em Letras com dupla habilitação: Licenciatura com ênfase em Língua Inglesa pela Universidade Nove de Julho (Uninove) e Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro (segunda licenciatura). É integrante do Grupo de Pesquisa GEIM - Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora, da PUC-SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1426-1805>.

<sup>2</sup> Professor adjunto do curso de Letras Português-Inglês da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS/Campo Grande). Mestre e doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (USP). Integra os grupos de pesquisa Literatura & Utopia (UFAL), Observatório do Futuro (PUC/SP) e GREAT - Grupo de Estudos da Adaptação e Tradução (USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3633-4497>.

and length –, as we demonstrated in the analysis, by portraying two female characters going through love conflicts that stigmatize them as members of the fragile sex. The results show that because they diverge in the way they express this theme, they complement each other by virtue of the formation as a whole of the individual who appropriates them as an object of reflection and information.

**Keywords:** Literature of Information; Literature of Reflection; Clarice Lispector; Danielle Steel.

## Introdução

A literatura, em seu sentido estrito, como pressupõem as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (Brasil, 2006), é a arte que trabalha a palavra enquanto matéria-prima, ressaltando a sua subjetividade e forma, em virtude de atingir a expressão e o valor estético comum às artes no geral. Nesse sentido, encontram-se diferentes tipos de textos literários, como aqueles consagrados pela crítica literária – tais como os de William Shakespeare, Jane Austen, Machado de Assis, Lygia Fagundes Telles, entre outros e outras – e os chamados *bestsellers*, que, embora não desfrutem do mesmo prestígio, são tão mais lidos e consumidos quanto.

Essa divisão é algo bastante recente na história da literatura, e podemos afirmar que as vanguardas e o Modernismo, no início do século XX, contribuíram para a sistematização de uma literatura (e arte em geral) menos ligada às demandas do mercado. A amplificação desse discurso nos levou a uma supervalorização da alta cultura e uma depreciação de uma cultura dita popular ou de massa. Criou-se um processo de preconceito literário, que hoje é bastante relativizado e combatido. Textos como “Reification and Utopia in Mass Culture”, de Fredric Jameson (1979), “Culture is Ordinary”, de Raymond Williams (2011) e “O direito à literatura”, de Antônio Candido (2011), discutem essa questão e apresentam um conceito muito mais abrangente do que seja a literatura e como essas rotulações (de massa, popular, alta, erudita) são problemáticas e devem ser combatidas.

Uma das formas sob as quais essa divisão se estabeleceu é contrapor o clássico ao *bestseller*. Compreendendo melhor como se dá essa cisão, Italo Calvino (1993) pontua que o primeiro é considerado como tal por nunca terminar de dizer o que tinha para dizer, tornando-se, pois, elemento de representatividade de um povo, de uma sociedade e mesmo uma cultura, cujo valor transcende o tempo/espço. Os *bestseller*, ao contrário, são feitos e difundidos para/na cultura de massa sob o efeito de lucro, com durabilidade previsível. Baseada nessa terminologia, Ana Maria Haddad Baptista (2017) classifica este de literatura de informação, cujo objetivo é fornecer uma leitura com mais entretenimento e descontraída, e aquele, de literatura de reflexão, que, além de informar, leva ao difícil exercício de reflexão e alto grau de percepção.

Em vista disso, objetivando dar mais uma contribuição ao debate, buscamos realizar uma análise comparada entre o romance *Legacy* (2010), da escritora estadunidense Danielle Steel, com um dos contos da escritora brasileira Clarice Lispector, cujo título é “O búfalo”, publicado na coletânea *Laços de Família*, de 1960. A motivação para isso é a similaridade que

as narrativas apresentam, ainda que partam de contextos de publicação (época e local de escrita) bastante diferentes, conforme demonstramos na análise, ao retratar duas personagens femininas passando por conflitos amorosos que as estigmatizam enquanto sexo frágil. Nesse sentido, percebe-se que ambas as escritoras estão, ao seu modo, construindo uma crítica voltada para essa temática do universo feminino.

Por questões didáticas, o artigo está subdividido em quatro segmentos. Em um primeiro momento, há breves informações sobre a vida e obra de Lispector; a seguir, apresentamos a vida e obra de Steel, uma prolífica romancista do *bestseller* por suas mais de 190 obras publicadas. Feito isso, partimos para a análise, destacando trechos em comum das narrativas, a fim de compará-las e promover um diálogo entre elas, sob a intermediação de seguidos comentários críticos e analíticos que ajudam na elucidação da análise. Por fim, encerramos com as nossas considerações que abrem espaço para uma discussão final, retomando de forma sucinta as questões levantadas ao longo do artigo.

Não se trata, portanto, de inferiorizar um tipo de literatura em detrimento da outra, mas traçar tão somente um percurso analítico e crítico que configura as duas narrativas em um mesmo consenso de análise, possibilitando, assim, visualizar seu conteúdo e sua estrutura com o intuito de distingui-las enquanto literatura de informação e de reflexão. Acredita-se que essa distinção incorreria em uma perspectiva dialógica e intertextual, contribuindo para a compreensão da concepção de leitura intrínseca ao texto literário – tanto clássico quanto *bestseller* – enquanto objeto de fruição e formação.

## Clarice Lispector e Danielle Steel: vida, obra e escrita

Clarice Lispector<sup>3</sup> (1920-1977) foi uma escritora de origem ucraniana que veio para o Brasil ainda pequena junto da família por conta da perseguição aos judeus durante a guerra civil russa. No Brasil, a família residiu em Maceió (AL), Recife (PE) e, logo após o falecimento da mãe em 1930, no Rio de Janeiro (1935). Após a separação com Maury Gurgel, ela voltou ao Brasil em 1959, consolidou sua carreira como escritora e jornalista e faleceu em 1977 devido a um câncer no ovário, deixando uma vasta obra que se divide em romances, contos, crônicas, correspondências e textos jornalísticos.

Com sua obra inaugural, *Perto do coração selvagem* (1943), a autora causa grande impacto na crítica literária de sua época ao trazer um tipo de escrita intimista, introspectiva e altamente poética, marcada pelo fluxo de consciência, pelo discurso indireto livre e com a presença de metáforas insólitas (Candido, 2010; Bosi, 2006). Isto a leva a ser comparada com autores internacionais, como Virginia Woolf, Katherine Mansfield e James Joyce.

Um dado relevante é que a literatura de Lispector traz sempre a figura de animais – como o búfalo, a galinha, o cachorro, o gato, o rato – cuja representação simbólica preenche o mundo com a figura de seres selvagens que não obedecem a um sistema ético/moral

---

<sup>3</sup> Partes da vida e obra da escritora foram retiradas de um vídeo no Youtube, bastante esclarecedor, tendo em vista os apontamentos de Bosi (2006), Candido (2010) e Moser (2017), autores que se dedicaram a estudá-la. O link para o vídeo está disponível em Mendonça, 2019.

civilizado, mas agem por instinto. Dentre outras obras, destaca-se *Laços de família* (1960), que é uma coletânea de contos que relatam pequenos instantes do cotidiano, aparentemente banais, nos quais surpreendemos de relance personagens presas a conflitos internos que desencadeiam densos questionamentos filosóficos sobre a existência humana.

O título faz analogia às amarras a que os “laços familiares” submetem as personagens, em grande parte femininas, em relações conturbadas e desgastantes que, embora pareçam ser reconfortantes de início, chegam a sufocá-las em um dado momento de sua vida, impedindo-as a liberdade. Isso se manifesta em contos como “Devaneio e Embriaguez duma rapariga”, “Amor”, “A imitação da rosa”, “Feliz aniversário”, “Preciosa”, “Os laços de família”, “O crime do professor de matemática” e, dentre outros, “O búfalo”, o último conto da coletânea.

Constituído por uma prosa poética, o conto retrata a história de uma mulher anônima, identificada apenas como “[a] mulher do casaco marrom” (Lispector, 1998, p. 126), e que, após ter sofrido uma decepção amorosa, vai ao jardim zoológico em plena primavera, em busca de um ódio por “um homem cujo crime único era o de não amá-la” (Lispector, 1998, p. 127). Nesse contexto, ao se deparar com os animais que estão acasalando – como os leões, a girafa, o hipopótamo, os macacos, o elefante, o camelo, o quati –, a mulher é um ser que está destoando do cenário, perguntando-se quem seria seu par no mundo, até que se depara com a visão de um búfalo – só e solitário em seu terreno – que a leva a uma profunda reflexão sobre si mesma, despertando um estado de lucidez que a demove da inércia em que se encontrava e a conduz ao ódio que viera buscar. No entanto, antes de fornecer maiores detalhes sobre seu paradeiro, a história é interrompida pelo repentino desmaio da personagem, por estar frágil e faminta, e tem um fim tão enigmático quanto o início.

Já Danielle Fernandes Dominique Shuelein-Steel, mais conhecida como Danielle Steel, é uma escritora estadunidense que vendeu uma imensa quantidade de cópias de livros mundo afora, tendo sido publicada em mais de 47 países e traduzida para mais de 28 idiomas, sendo um deles, o português brasileiro. Conhecida por seus romances melodramáticos, ela é o que se considera de escritora de “contos de fadas modernos”<sup>4</sup>, e suas histórias trazem temáticas ligadas aos dramas do dia a dia – como o amor, a traição, a separação, a perda, ao sofrimento e, sobretudo, a superação. Como Lispector, Steel frisa bastante as relações familiares e o quanto elas podem exigir do indivíduo, inclusive, tem um livro publicado cujo título é *Laços familiares* (*The Family Ties*, 2010) que conta a história de Annie, uma jovem arquiteta que tinha o mundo na palma de suas mãos, até que um telefonema muda sua vida do dia para a noite e ela se vê obrigada a cuidar dos três filhos de sua irmã, agora órfãos. Ainda que ela exerça essa função com amor, não deixa de pensar em como sua vida teria sido caso a irmã ainda estivesse viva.

Em relação à sua vida, Steel nasceu na cidade de Nova York, em 1946, filha de pais diplomatas, passou a maior parte da infância na França e, desde muito cedo, já demonstrou interesse pela literatura. Formada em *design de moda*, embora nunca tenha exercido a profissão (assim como Lispector), a autora já foi casada por 5 vezes e é mãe de 9 filhos.

Steel foi porta-voz da *American Humane Association* (AHA), esteve à frente da *American Library Association* (ALA) e atuou como integrante da *National Committee for Prevention of Child*

---

<sup>4</sup> Essa definição é encontrada em diversas resenhas brasileira sobre obras da autora.

*Abuse* (NCPC). Envolvida com trabalhos sociais e humanitários, atua em prol do bem-estar das crianças em geral e contribui com o auxílio a pessoas carentes e sem moradia. Além de romances, publicou livros infantis, livros de não ficção, músicas e poemas; várias de suas obras foram adaptadas para o cinema. Dentre elas, destacam-se<sup>5</sup>: *Going Home* (1973) seu romance de estreia; *The Promise* (1978) cujo trabalho lhe garante o estatuto de *bestseller*; *Now and Forever* (1978); *Remembrance* (1980); *Palomino* (1981); *A perfect Stranger* (1983); *Matters of the heart* (2009); *Big Girl* (2010) e, dentre outras, seu romance *Legacy* (2010), que ainda não recebeu uma tradução brasileira.

Narrado em 3ª pessoa e escrito em formato de prosa, *Legacy* traz a história de duas mulheres que estão entrelaçadas pelas relações familiares: Brigitte Nicholson, uma antropóloga de 38 anos, que trabalha no coração da academia moderna no começo do século XXI, e que está escrevendo um livro sobre o movimento sufragista feminino, e Wachiwi, uma jovem índia *Sioux* que viveu no século XVIII, em plena Revolução Francesa.

Em linhas gerais, Brigitte é surpreendida, em pleno dia dos namorados, por uma notícia que a abala por completo: Teddy Waiss, com quem esteve por 6 anos, anuncia que está de partida para o Egito, em uma expedição arqueológica de seus sonhos, e que, por isso, terá de romper com ela. Como se não fosse suficiente, ela perde, em seguida, seu emprego na universidade de Boston onde trabalhou durante 10 anos. Triste e desconsolada, vai passar uns dias em Nova York, na casa de sua mãe, Marguerite Nicholson, que pede ajuda com a elaboração de um projeto que está realizando sobre a genealogia de sua família. Sem muito interesse, ela vai à biblioteca na cidade de Salt Lake e ao instituto de pesquisa sobre os indígenas onde faz uma fascinante descoberta sobre a vida de Wachiwi, sua ancestral, que após ter sido raptada por uma tribo inimiga de sua família, recebe ajuda de um francês, Jean de Margerac, e acabam fugindo para França. Neste itinerário, ele é acometido por uma doença epidêmica e acaba perdendo sua vida em plena viagem, deixando-a sozinha; no entanto, ao abocar no porto, ela conhece seu irmão mais velho, Tristan de Margarec, um aristocrata viúvo, pai de dois filhos, por quem se apaixona, se casa e tem um filho que recebe o nome de Jean, em homenagem ao tio, que, ironicamente, a conduz aos braços do irmão.

Com essas informações, Brigitte vai à França, onde conhece Marc Henri, um professor universitário e escritor de ficção histórica, que a ajuda com a pesquisa e por quem desenvolve uma profunda amizade. Inspirados pela história desta jovem indígena, os dois acabam se apaixonando, e ele a convence a escrever sobre a história dela. No final, Brigitte é surpreendida pela ligação de Teddy que há tempos não mandava notícias, desde sua empreitada pelo Egito, aconselhando-a a aceitar a proposta de um novo emprego na França e encontrar a felicidade que ela merecia nos braços de Henri, que se mostrou merecedor de seu amor em virtude do qual ele não pode retribuir. Tudo leva a crer que ela é a narradora da história cujo título recebe justamente o nome *Legacy* (Legado) por fazer analogia a esse mesmo percurso traçado pelas duas mulheres – dos Estados Unidos à França – que, independentemente dos conflitos e situações difíceis pelas quais tiveram que passar em

---

<sup>5</sup> Tais obras, de acordo com a ordem sequencial em que estão dispostas no texto, recebem respectivos nomes em suas traduções em português: *O apelo do amor*, *O segredo de uma promessa*, *Agora e sempre*, *Relembração*, *Galope de amor*, *Um desconhecido*, *Assuntos do Coração* e *Grande Mulher* (os dois últimos apenas em tradução europeia) e *Legacy* (sem tradução).

virtude de seu amadurecimento, são levadas a tomar difíceis decisões, mas acabam tendo o seu final feliz.

## Um diálogo entre “O búfalo”, de Clarice Lispector e *Legacy*, de Danielle Steel

Para realizar a análise, separamos alguns trechos em comum de ambas as obras, que apresentam, de modo sintetizado, a história das protagonistas, a fim de compará-las, buscando investigar seu conteúdo e sua estrutura. O critério de escolha para esses trechos foi a aparente similaridade que eles apresentam, sem ignorar, certamente, suas muitas particularidades. Para isso, intervimos com alguns comentários críticos e analíticos, os quais ajudam na elucidação da análise, esclarecendo melhor como se dá a distinção entre literatura de reflexão e literatura de informação e então, ressaltando aspectos concernentes à concepção de leitura proporcionada por ambas as formas de literatura. Preferimos citar o texto original e incluir uma tradução nossa do texto de Steel em notas de rodapé. Vale ainda ressaltar que, em relação aos excertos do romance de Steel, fizemos um recorte somente dos trechos que dizem respeito à história de Brigitte, afinal, é por intermédio dela que podemos ter uma ótica geral do romance, inclusive da vida de Wachiwi, outra personagem central da história. Esclarecido isso, damos início à análise:

### Trechos 1

Clarice Lispector	Danielle Steel
“O Búfalo”	<i>Legacy</i>
Mas era <b>primavera</b> . Até o leão lambeu a testa glabra da leoa. Os dois animais louros. A mulher desviou os olhos da jaula, onde só o cheiro quente lembrava a carnificina que ela viera buscar no Jardim Zoológico. Depois o leão passeou enjubado e tranquilo, e a leoa lentamente reconstituiu sobre as patas estendidas a cabeça da esfinge. “Mas isso é amor, é amor de novo”, revoltou-se a mulher tentando encontrar-se com o próprio ódio, mas era primavera e dois leões se tinham amado (p. 126, grifo nosso).	There was a heavy <b>snowfall</b> that had started the night before as Brigitte Nicholson sat at her desk in the admissions office of Boston University, meticulously going over applications. Other staffers had checked them before her, but she always liked to take a last look at the files herself to make sure that each one was complete <sup>6</sup> (p. 13, grifo nosso).

Ao analisar os trechos acima, que dão, respectivamente, início às narrativas, tanto de Lispector quanto de Steel, percebemos se tratar da história de duas mulheres inseridas em seu cotidiano. As autoras localizam as personagens em momentos específicos, ao apontarem para as estações do ano. A escolha dessas estações, como se verá, não é aleatória, mas contribui para o estabelecimento de uma atmosfera de cada personagem. Além disso, apesar do fato de as autoras direcionarem o foco narrativo à figura feminina, a forma como as

---

<sup>6</sup> Tradução nossa: Havia uma forte nevasca que tinha começado na noite anterior enquanto Brigitte Nicholson estava na sua escrivaninha no escritório de admissões da Universidade de Boston, meticulosamente analisando os formulários de inscrição. Outras pessoas da equipe os tinham conferido antes dela, mas ela sempre gostava de dar uma olhada final nos arquivos para se certificar que todos estavam completos.

personagens estão expressas tendem a variar: enquanto em *Lispector* nos deparamos com uma mulher anônima que está caminhando em um jardim zoológico, descrita apenas como “a mulher do casaco marrom” (1998, p. 126), Steel nos apresenta Brigitte Nicholson, uma trabalhadora na universidade, em seu local de trabalho, o escritório de admissões da universidade de Boston.

Deixando isso claro, percebemos um interdito na narrativa de *Lispector*, que diz respeito ao anonimato da personagem e permite levantar questões sobre o porquê de a autora ter ocultado sua identidade. Em relação a isso, Baptista (2017) explica que é um modo de a narrativa fomentar a reflexão crítica na hora da leitura, possibilitando, pois, uma abertura dialógica por parte de quem lê segundo sua subjetividade e visão de mundo, a fim de interpor-se na narrativa, podendo ou não se identificar com ela. A possibilidade de identificação ou não-identificação é uma estratégia da própria narrativa.

Em relação à estrutura, vemos que a narrativa de Steel é um texto em prosa que, constituído de uma linguagem denotativa, cuja função é informar o conteúdo expresso, incorre em uma narração fluida e direta, sem oferecer maiores graus de dificuldade ou compreensão por parte da leitura ou da interpretação do texto, isto é, sem alto grau metafórico. Neste ponto, a narrativa de *Lispector*, caracterizada por um texto em prosa poética, passa a ganhar uma certa atenção pelo fato de sua estrutura remontar ao que Baptista (2017) denomina de poeticidade estrutural. Um exemplo disso está nas frases “Até o leão lambeu a testa glabra da leoa”, “Os dois animais louros”, “Depois o leão passeou enjubado e tranquilo, e a leoa lentamente reconstituiu sobre as patas estendidas a cabeça da esfinge” – em que, além de narrar como o de Steel, conferem todo um sentido metafórico e musical à narrativa, ressignificando a leitura e a interpretação do texto. Assim, poderíamos reorganizá-lo facilmente em forma de poema, sem incorrer em perda do sentido.

Ainda sobre a estrutura do trecho de *Lispector*, ao iniciar o conto com a conjunção adversativa “mas”, a autora rompe com o padrão da linguagem formal em sua modalidade escrita, uma vez que, de acordo com a gramática normativa, somos ensinados a utilizá-la somente quando o intuito for o de contrapor uma ideia/sentença que já havia sido dita. Isso se explica pela estilística da literatura de Clarice que assume uma forma mais liberta e dinâmica de escrita em comparação com a da forma padrão (Moser, 2017). Ademais, encontramos aliteração na frase “o leão lambeu a testa glabra da leoa”, na qual a autora utiliza um recurso fonético por meio da repetição de palavras que iniciam com o som de “L”, a fim de talvez suscitar justamente um sentido de lascívia entre os animais quando estão em clima de acasalamento, propiciando, pois, uma experiência sinestésica com a palavra “primavera” por meio de outros sentidos, como o tato e a audição, o que ultrapassa a simples experiência visual empregada pela palavra em sua modalidade escrita.

Há, igualmente, uma prosopopeia em “animais louros”, que personaliza os animais com características humanas, e uma metáfora na frase “a leoa lentamente reconstituiu sobre as patas estendidas a cabeça da esfinge”, cuja comparação implícita confere um elemento mitológico no texto. Desta forma, sabe-se que a literatura de reflexão tende a ter um tratamento específico com elementos intertextuais relacionados à mitologia, reinterpretando uma tradição segundo a ótica do ser humano dentro de seu contexto.

No caso de *Legacy*, o que se apresenta são apenas relações de cunho cultural acerca do funcionamento do sistema de admissão no ensino superior estadunidense, indicando detalhes do seu funcionamento, o que torna a linguagem mediada para quem não faz parte daquela cultura. As autorias de “Study on adaptations in Bestseller Translation From The Perspective of Ethics” afirmam que uma das características do que chamamos de leitura de informação é sua legibilidade. Para manter essa legibilidade, por vezes, quem traduz necessita realizar adaptações. Uma das quatro razões apresentadas por eles para tais adaptações é a “inadequação situacional” (Xiuying et al., 2020, p. 211) no qual o contexto referido no texto original não existe na cultura-alvo. Num contexto de produção desses textos, algo que pode ser levado em consideração, e que parece ser o caso do parágrafo inicial de Steel, há um excesso de detalhes de um elemento cultural que talvez não seja reconhecido imediatamente em todas as culturas por onde se imagina que aquele texto vá circular.

## Trechos 2

Clarice Lispector	Danielle Steel
“O Búfalo”	<i>Legacy</i>
O búfalo negro estava imóvel no fundo do terreno. Depois passeou ao longe com os quadris estreitos, os quadris concentrados. O pescoço mais grosso que as ilhargas contraídas. Visto de frente, a grande cabeça mais larga que o corpo impedia a visão do resto do corpo, como uma cabeça decepada. E na cabeça os cornos (p. 132-133).	He was French, but spoke English with a British accent, as some educated French people did. But he was obviously fluent, – he was wearing jeans and a parka and loafers, and had hair almost as dark as hers. He had warm brown eyes and a nice smile when he looked at her, and he took the piece of paper and approached the desk again <sup>7</sup> (p. 207).

As duas histórias apresentam um quadro diferente quando a mulher de “O búfalo”, após dar incansáveis voltas pelo jardim zoológico em busca do animal que a despertasse para o ódio que viera buscar, se depara com a visão de um búfalo – só e solitário – em seu terreno, assim como ela. Ao mesmo tempo, Brigitte conhece Marc Henri na França, e ele se voluntaria a ajudá-la em sua pesquisa sobre a genealogia de sua família. Relacionando esses dois momentos, percebemos que as duas manifestam um certo fascínio diante da visão do animal/homem, que as impulsionam a uma mesma égide de análise.

Enquanto a personagem de Steel se vê diante da possibilidade de um novo amor que a ajudará na superação da decepção com Teddy, e que, por isso, otimiza a perspectiva do enredo, o búfalo mexe no ponto mais agudo da dor da personagem de Lispector, provocando-a com relação à sua decepção. Ao reparar nos “cornos” do búfalo, subentende-se que ela, ao contrário da personagem de Steel, que é trocada pela realização de um sonho do ex-namorado em participar de uma expedição arqueológica no Egito, fora traída, o que explica, inclusive, a causa de seu ódio.

Tal ódio não é algo neutro e traz em si uma conotação que dialoga com a perspectiva freudiana sobre o fato de que a dor ensina, ou, como intitularia Rosenbaum (2006), uma

---

<sup>7</sup> Tradução nossa: Ele era francês, mas falava inglês com um sotaque britânico, como alguns franceses refinados faziam. Mas ele era obviamente fluente, – estava usando jeans e uma jaqueta e mocassins, e o cabelo era quase tão escuro quanto o dela. Tinha gentis olhos castanhos e um sorriso agradável quando olhava para ela, e ele pegou o pedaço de papel e se aproximou da mesa dela novamente.

espécie de “educação pelo ódio”. Alinhando essa interpretação com a figura do búfalo que ganha, inclusive, um traço simbólico, Chevalier (1995, p. 137) pontua:

O boi e, ainda mais, o búfalo, preciosos auxiliares do homem, são respeitados em toda a Ásia oriental. Servem de montaria aos sábios, particularmente a Lao-tse, em sua viagem às fronteiras do Oeste. Efetivamente, na atitude desses animais existe um aspecto de doçura e de desapego, que envolve contemplação (Chevalier, 1995, p. 137).

Diante desse trecho, podemos perceber que, assim como a mulher, o búfalo é o único animal que está destoando do cenário, visto que não está inclinado ao clima romântico de primavera como os demais animais – os elefantes, os hipopótamos, os macacos, enfim. Comparando-o com o personagem de Steel, ele quebra com uma perspectiva romantizada da história, ensinando que viver sozinho é também uma condição de amor e, sobretudo, de aceitação, sem precisar da aprovação ou aceitação do outro como acontece, na maioria das vezes, nas relações amorosas.

Neste panorama, as duas narrativas proporcionam leituras diferentes. Recorrendo a Martins (2006), podemos dizer que a leitura de Steel é uma leitura mais sentimental e otimista, comum às novelas de dramaturgia cujo conteúdo satisfaz a necessidade de ficção e de um romance para quem lê, o que muitas vezes é negado em sua realidade; ao contrário da leitura de Lispector, a qual, atendo-se a uma perspectiva mais racional e realista, traz o leitor de volta a sua realidade, levando-o a viver dialeticamente seus problemas sociais e conflitos internos (Candido, 2011).

### Trechos 3

Clarice Lispector	Danielle Steel
“O Búfalo”	<i>Legacy</i>
O búfalo com o torso preto. No entardecer luminoso era um corpo enegrecido de tranquila raiva, a mulher suspirou devagar. Uma coisa branca espalhara-se dentro dela, branca como papel, fraca como papel, intensa como uma brancura. A morte zumbia nos seus ouvidos. Novos passos do búfalo trouxeram-na a si mesma e, em novo longo suspiro, ela voltou à tona. Não sabia onde estivera. Estava de pé, muito débil, emergida daquela coisa branca e remota onde estivera (p. 133).	Now you’ve got to do what you love to do. Write the book, go to Paris, change careers, find a guy you’re crazy about, who’s not going to run off to Egypt after six years. I miss you, Brig, but I’m happy. I hope this winds up being right for both of us in the end. That’s why I called you. I’ve been worrying about you and feeling guilty. I know it was a shit thing to do, dumping everything after six years. But I had to do this. I want you to find what you have to do. Maybe it’s Paris. I hope it is <sup>8</sup> (p. 304-305).

<sup>8</sup> Tradução nossa: Agora você tem que fazer o que ama fazer. Escreva o livro, vá para Paris, mude de carreira, encontre o rapaz por quem é apaixonada, alguém que não fuja para o Egito depois de seis anos. Sinto sua falta, Brig, mas estou feliz. Espero que isso acabe por ser o certo para nós no final. Por isso te liguei. Estive preocupado com você e me sentindo culpado. Sei que fiz uma merda, terminar com você depois de seis anos. Mas tinha que fazer isso. Quero que você encontre o que você tem que fazer. Talvez seja Paris. Espero que seja.

Ao se ver diante do animal, a mulher de “O búfalo” tem o seu momento de epifania, que, no contexto da literatura lispectoriana, é um choque de realidade advindo de um fato banal do cotidiano (como, por exemplo, o simples observar de um búfalo) que causa grande revelação, adensando sua percepção e elucidando sua consciência, até então inerte. Isto se aproxima, hipoteticamente falando, do momento em que Brigitte, em *Legacy*, é surpreendida pela inesperada ligação do ex-namorado (Teddy), que, contrariando toda perspectiva negativa dele ao longo da narrativa, a aconselha a seguir seu caminho, aceitar a proposta de um novo emprego na França, escrever seu livro e encontrar um possível novo amor nos braços de Henri.

Sendo assim, ao relacionar esses dois trechos, é o momento em que as duas personagens precisam deixar o passado para trás e seguir um novo caminho, aderir a uma nova história, o que implica, portanto, uma tomada de decisão. Neste sentido, estamos lidando com o clímax das narrativas, o qual concentra a mensagem principal, e que, em linhas gerais, versa sobre a condição feminina no contexto da relação amorosa. Contudo, o que as diferencia é a forma como as autoras retratam tal emblema: enquanto a personagem de Steel acorda de um sonho para viver um outro sonho, não saindo desta esfera intimista e idealizada, a personagem de Lispector, após residir nesta mesma atmosfera, ao ser retirada dela bruscamente pelo choque de realidade causado pela epifania, acorda para sua realidade – uma realidade caótica e intensa que pulsa no coração da vida (como no caso de Joana protagonista de *Perto do coração selvagem*), mas que aponta um novo (re)começo. Pode-se dizer, nessa perspectiva, que o conto de Lispector assume uma posição mais pessimista da relação amorosa do que o romance de Steel.

Dito isto, voltando o nosso olhar para a estrutura dos trechos, podemos constatar que o trecho de Steel, expresso por meio de uma linguagem denotativa e direta, apresenta uma leve comoção e sensibilização na leitura em relação ao trecho de Lispector, que, além disso, apresenta uma série de recursos metafóricos que densificam a leitura. Assim, ao narrar este momento entre mulher/búfalo, Lispector utiliza-se de uma metáfora insólita na frase “uma coisa branca instalara-se dentro dela”, que diz respeito a algo inusitado, extravagante, novo, causando um certo estranhamento e correspondendo, pois, com o que Baptista (2017) denomina de grandes comparações metafóricas inéditas que concernem uma multiplicidade de sentidos para a interpretação da narrativa.

Nisto, subentende-se que “uma coisa branca” diz respeito a uma elucidação por parte da personagem em relação aos “laços emocionais” que a prendiam a uma perspectiva opressiva e desgastante de amor que, assim como sugere o título dado à coletânea (os laços de família) em que esse conto integra, ao invés de preenchê-la, a consome, em detrimento de sua subjetividade. Em outras palavras, acompanhamos o processo do encontro da personagem como seu eu-interior, que se dá à consciência do búfalo, o que faz supor também uma interpretação de cunho epistemológico que envolve a inter-relação do sujeito (a mulher), objeto de estudo das ciências humanas, e o do outro (o búfalo), objeto de estudo das ciências naturais, como a biologia/zoologia.

Esse mesmo encontro, de certa forma, acontece com a personagem de Steel, contudo, mediada por um elemento externo (a ligação) apenas manipula e confirma as possibilidades da personagem. Fica a dúvida se suas decisões posteriores provêm de um

aprendizado e autorreflexão, ou se apenas respondem aos ditames do que a sociedade espera/sugere que ela faça.

Desse modo, indicando maiores possibilidades de interpretação em relação ao trecho de Steel, o de Lispector apresenta algumas orações coordenadas assindéticas que são constituídas de orações que independem umas das outras em matéria de sentido, ocultando as conjunções. Dentre elas, destacam-se: “A morte zumbia nos seus ouvidos”; “Não sabia onde estivera”, “Estava de pé, muito débil, emergida daquela coisa branca e remota onde estivera”. Essa não subjugação das orações parece dizer algo a respeito dos “laços emocionais” citados acima.

#### Trechos 4

Clarice Lispector	Danielle Steel
“O Búfalo”	<i>Legacy</i>
Eu te amo, disse ela então com ódio para o homem cujo grande crime impunível era o de não querê-la. Eu te odeio, disse implorando amor ao búfalo (p. 134).	“I love you too.” She was sure of it this time. She had no doubts or fears. This time she knew it was right. Her research for her Sioux ancestor had led her to him, and he had found her just as he was meant to. A miracle had happened to them. Destiny. The perfect plan. And they both knew she was here to stay. Just like the little Sioux two hundred years before <sup>9</sup> (p. 326).

Chegando ao fim da análise, constatamos que as duas narrativas, de modo análogo, terminam com uma declaração enunciada pelas personagens que levantam algumas considerações a serem abordadas. Por um lado, Brigitte, após ter superado seus medos, receios, o amor não correspondido de Teddy, e encontrado um novo amor nos braços de Henri, se muda para a França e tem o seu final feliz. Já a mulher de “O búfalo”, ao contrário, encontra no animal não um tipo de amor romântico como aquela, mas um amor interno, uma aceitação e, sobretudo, uma lição de vida que a leva a um senso crítico.

O búfalo a ensina, por meio de sua dor e condição solitária, a amar a si mesma, a se aceitar – coisa que, até então, não havia descoberto, sempre tão carente do outro para se autoafirmar. Mas é nesse ponto que encontramos a questão fundamental do conto, o que remete indiscutivelmente ao encontro causado pela epifania entre mulher/búfalo: não é que não precisamos do outro para nos constituirmos. Pelo contrário, o ser humano, em uma concepção aristotélica, é essencialmente político e se constituiu por meio dessa relação. Contudo, é preciso haver um certo equilíbrio, que por sinal é bastante tênue, de forma que o externo não venha se sobrepor ao interno, mas tão somente lhe complementar. Quando esse pacto é quebrado, pode haver um certo desequilíbrio que impacta na vida do sujeito, como é o caso da protagonista de Lispector.

---

<sup>9</sup> Tradução nossa: “Eu também te amo”. Ela tinha certeza disso agora. Não tinha dúvidas ou medos. Dessa vez ela sabia que estava certa. A pesquisa dela pela sua ancestral Sioux a tinha levado a ele, e ele a havia encontrado como era para ser. Um milagre havia acontecido para eles. Destino. O plano perfeito. E ambos sabiam que ela ficaria ali. Igual ao que fez a pequena Sioux duzentos anos atrás.

Em vista disso, expressando esse emblema, não somente pelo viés do conteúdo, mas também da estrutura, Lispector utiliza uma figura de linguagem, o paradoxo, que sintetiza palavras dicotômicas de forma complementar, o que revela os dois lados da moeda, como amor e ódio, que, por sua vez, não expresso na literatura de Steel, revela somente o lado romântico. Tal exemplo encontramos nos trechos “Eu te amo, disse ela então com ódio...” e “eu te odeio, disse implorando amor...”. Por essa contradição, o conto de Lispector tem um final tão enigmático quanto o início, interrompido pelo desmaio da personagem, abrindo, assim, maiores possibilidades de interpretação, diferente do romance de Steel, cujo fim nos é revelado de forma tão transparente quanto o começo da narrativa.

Como se pode verificar, há alguns pontos em comum entre Clarice Lispector e Danielle Steel: o fato de elas serem contemporâneas ao século XX, terem se formado em profissões que não chegaram a exercer e escolhido a literatura enquanto bússola pela busca da compreensão humana. Em relação às narrativas, ambas apresentam como enfoque a temática que envolve o universo feminino subjugado por uma cultura patriarcal, sexista e machista, que, nas relações amorosas, concebe a mulher enquanto sexo frágil. No entanto, passam a diferir na forma de retratar tal temática, com perspectivas distintas, o que permite uma abertura dialogal e intertextual quando comparadas.

Uma das diferenças é justamente o tipo de linguagem empregada pelas narrativas. A de Lispector, constituída por uma linguagem mais elaborada e subjetiva, tem um certo grau de poeticidade, apresenta uma considerável quantidade de uso do sentido metafórico e outros elementos apontados por Baptista (2017) enquanto figuração do que se pode chamar de literatura de reflexão. Os textos de Steel, por outro lado, têm um viés mais informativo e formular, trazendo uma linguagem mais fluida e objetiva, atendo-se ao que chamamos de literatura de informação.

Em outras palavras, a literatura de Lispector estaria mais no campo da literatura da cultura dita clássica ou erudita, enquanto a de Steel, literatura da cultura de massa ou *bestseller* como é geralmente denominada. Essa classificação, no entanto, não representa uma afirmação de valor de um texto sobre outro, por isso preferimos o par reflexão/informação, que não carregam em si tanta carga semântica quanto as oposições “clássico e de massa” ou “erudito e *bestseller*”. Entendemos também que ao privilegiar a reflexão ou a informação, os textos literários possuem funções distintas e, portanto, tem validade a partir dos diferentes objetivos que a leitura busca atingir.

## Considerações Finais

Diante do exposto, acredita-se que essa questão da multiplicidade de sentido que envolve o conceito da metáfora é um dos emblemas que se instaura na dificuldade de jovens leitores ou leitoras em ler livros que têm um considerável nível metafórico, uma vez que eles requerem uma leitura mais elaborada e aprofundada. Nesse sentido, os textos como o de Steel se tornariam mais adequados para serem trabalhados como recurso de inserção do sujeito-leitor no mundo da leitura, funcionando, pois, como um tipo de “ponte” que levaria (ou deveria levar), acreditamos, a textos como o de Lispector.

Nesta perspectiva, ambas vão exigir diferentes leituras, proporcionar experiências singulares e atrair um público relativo de acordo com a realidade sociocultural e necessidade de quem se apropriar dos textos enquanto objeto de fruição e formação. Ao pensar tais leituras, recorreremos à Martins (2006) que explica, inclusive, sobre a diferença da leitura emocional e da leitura racional cuja definição inferimos aos objetivos de leitura de ambas as narrativas.

Em relação à obra de Steel, estando ela no campo da leitura emocional, pode funcionar como uma válvula de escape que leva a um “afastamento” da realidade imediata, tida muitas vezes como “opressora”, possibilitando a entrada ao mundo da fantasia e da imaginação. Logo, ela se torna um elemento para extravasar emoções, satisfazer curiosidades, alimentar fantasias, e ajuda na elaboração de sentimentos difíceis de compreender e experienciar. Em um viés mais negativo, ela leva ao consumo do texto sem apontar a necessidade de uma maior investigação sobre seu conteúdo e ideologia, condicionando, portanto, quem lê. Por esse motivo, apesar de pessoas leitoras poderem refletir acerca dos elementos trazidos pela narrativa, e vemos, por exemplo, diversas leituras feministas ou materialista históricas desse tipo de narrativa, ela não coloca essa reflexão em destaque, não a singulariza, da forma como a literatura de reflexão o faz.

Já a narrativa de Lispector, motivando uma leitura mais racional, apresenta outras prerrogativas. Em relação aos pontos positivos, tem caráter eminentemente reflexivo e dialético, o que requer uma leitura mais elaborada e reflexiva, possibilitando perceber e compreender a realidade com maior densidade. É uma leitura permanentemente atualizada e referenciada, cujo conteúdo reitera um conhecimento de mundo abrangente e acirrado, pelo que alarga horizontes de expectativa e possibilidades de leituras do texto em diálogo com a realidade sociocultural. Em relação aos pontos negativos, é uma leitura que está propensa ao elitismo e intelectualismo, o que pode acabar por ampliar desigualdades e preconceitos linguísticos, literários e sociais.

Em suma podemos concluir que, de acordo com a perspectiva apontada por Cosson (2021) sobre a questão paradigmática do letramento literário que contempla tanto a literatura de reflexão quanto a literatura de informação, essas narrativas, por justamente divergirem na constituição de seu conteúdo e estrutura, podem vir a se complementar em nome da formação do sujeito como um todo. Ambas vão demandar um diferente grau de competência literária: enquanto a obra de Lispector vai trabalhar um lado mais intelectual e reflexivo, a de Steel vai prezar um lado mais afetivo e imaginativo, configurando, assim, diferentes estratégias que fazem parte do processo formativo do/a leitor/a. É importante que a leitora ou o leitor se apropriem de ambas as formas de literatura para que possa ampliar sua visão de mundo e se constituir enquanto sujeito.

## Referências

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. **Educação, linguagens & Livros.** (Livro eletrônico) 2. ed. rev. e ampl. Campo Largo, PR: SG Leitura Digital, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, DF, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_01\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf) Acesso em: 15 fev. 2024.

BOSI, Alfredo. **A história concisa da literatura brasileira**. 43a. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Introdução à literatura brasileira**. 6a edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed., 11 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Coordenação de Carlos Sussekind; Tradução: Vera da Costa e Silva, et. al. 9a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

JAMESON, Fredric. Reification and Utopia in Mass Culture. **Social Text**. n. 1, Duke University Press, 1979, pp. 130-48. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/466409?origin=crossref>. Acesso em: 02 out. 2023.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família: contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LÚCIA, Carmem. O BÚFALO (Clarice Lispector) – #PílulasDeInterpretação. Youtube, 05 de dezembro de 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=LbEta\\_ZWl7Y](https://www.youtube.com/watch?v=LbEta_ZWl7Y). Acesso em: 30 nov. 2023.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

MOSER, Benjamim. **Clarice, uma biografia**. Tradução José Geraldo Couto. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MENDONÇA, Rogério. (Canal Bitinices). **PRECISAMOS falar de Clarice Lispector**. Youtube, 5 de março de 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=5\\_cNfHjEzUU](https://www.youtube.com/watch?v=5_cNfHjEzUU). Acesso em: 15 fev. 2024.

ROSENBAUM, Yudith. **Metamorfoses do mal: uma leitura de Clarice Lispector**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2006.

STEEL, Danielle. **Legacy: a novel**. Delacorte Press: New York, 2010.

WILLIAMS, Raymond. "Culture is Ordinary." In: SZEMAN, Imre; KAPOSY, Timothy (ed.). **Cultural Theory: An Anthology**. Pondicherry: Wiley- Blackwell, 2011.

XIUYING, Lu; XIN, Feng; YUANYUAN, Xie. Study on Adaptations in Bestseller Translation from the Perspective of Ethics. **Proceedings of the 2<sup>nd</sup> International Conference on Literature, Art and Human Development (ICLAHD 2020)**. *S.l.*, p. 210-216. 2020. Disponível em: <https://www.atlantis-press.com/proceedings/iclahd-20/125949544>. Acesso em: 15 fev. 2024.

Recebido em 9 de maio de 2024  
Aceito em 6 de setembro de 2024